

O “DEFINITIVO TÉDIO” DE BLOOM EM *UMA VIAGEM À ÍNDIA*, DE GONÇALO M. TAVARES

PEDRO CORGA

Palavras-chave: tédio, literatura, viagens, herói, contemporaneidade

Keywords: boredom, literature, travels, hero, contemporaneity

No artigo que apresentamos iremos abordar a questão do tédio na contemporaneidade e a sua presença na obra *Uma Viagem à Índia*, de Gonçalo M. Tavares, através da análise do percurso da personagem principal, Bloom, que, partindo de Lisboa em direção à Índia, procurou fugir do seu passado, com o objetivo de aprender e esquecer no mesmo movimento. O propósito da singular viagem de Bloom, em pleno século XXI, aparece logo explicitado na estância 10 do Canto I:

Falaremos da hostilidade que Bloom,
o nosso herói,
revelou em relação ao passado,
levantando-se e partindo de Lisboa
numa viagem à Índia, em que procurou sabedoria
e esquecimento.
E falaremos do modo como na viagem
levou um segredo e o trouxe, depois quase intacto.
(Tavares 32)

Atentemos na passagem acima transcrita e abordemos, em primeiro lugar, a questão da hostilidade que Bloom demonstra em relação ao passado. Numa primeira análise, e cingindo-nos puramente à narrativa apresentada por Tavares, esta hostilidade refere-se a um facto marcante da história da vida de Bloom e que é diretamente responsável pela decisão da sua fuga: Bloom mata o seu pai, John Bloom, imediatamente após este ter assassinado a sua amada Mary. A outro nível, e em sentido mais lato, poderemos afirmar que esta hostilidade de Bloom tem a ver com a relação conflituosa que existe entre o homem contemporâneo e a história. Com efeito, Lars Svendsen, em *A Philosophy of Boredom*, afirma: “It is no

longer any great history that can offer us a monumental meaning into which our lives can be integrated” (Svendsen 136). Svendsen afirma, então, que o passado carece, hoje em dia, do significado que tinha para os nosso antepassados, que acreditavam nos desígnios do destino e na força da tradição. Pelo contrário, esse sentido de tradição, respeito e responsabilidade perante o passado tem vindo a perder-se nas sociedades contemporâneas, provocando uma verdadeira crise de identidade no homem do século XXI, que se sente irremediavelmente deslocado, vazio e entediado. Como nos diz Lars Svendsen, ao longo da modernidade o homem vai perdendo esse sentimento de pertença que lhe era dado pelo sentido de tradição: “Tradition brings continuity to one’s existence, but this sort of continuity is precisely what has been increasingly lost throughout modernity” (Svendsen 80).

Com efeito, a modernidade caracteriza-se pela quebra com as maneiras antigas, especialmente no que diz respeito à relação entre homem e Deus. Com o advento da modernidade, a razão adquire primazia sobre as ações humanas e os atos religiosos já não têm a força ou importância de outrora. A este respeito, Ricardo Quadros Gouvêa afirma: “[Na modernidade,] apelos a formulações teológicas clássicas não poderiam ter mais qualquer força nos debates. O indivíduo tornou-se responsável por testar todas as proposições através do uso da razão e nenhuma tutela poderia ser tolerada” (Gouvêa). Com a chegada do pensamento pós-moderno, tudo volta a mudar e essa crença de que o homem poderia resolver os seus problemas através do uso da razão é posta em causa. A este respeito, Gouvêa diz-nos: “O posmodernismo rejeita e busca desconstruir qualquer proposição de verdade que se proponha unitária, absoluta, universal ou mesmo coerente” (Gouvêa). Estes discursos autoritários de que fala Gouvêa são apelidados pelo filósofo Jean-François Lyotard de “metanarrativas”, e constituem todo e qualquer discurso que tenha como objetivo impôr uma visão unitária e unidimensional da verdade. Nesse sentido, a posição do modernismo em relação ao homem e à razão é questionado pelos pensadores pós-modernos que defendem o “pluralismo inclusivista” (Gouvêa). Como consequência disto, o homem contemporâneo não encontra já, nem em Deus, nem em si mesmo, um ponto de ancoragem sólido através do qual possa construir a sua identidade, como acontecera em momentos anteriores da história. No período correspondente ao que alguns chamam de “condição pós-moderna” é mais comum falar-se em “pluralidade de identidades” e já não uma única identidade fixa. Assim, o homem do final do século XX e inícios do século XXI fica simultaneamente entregue a tudo e a nada, sem

uma identidade que seja clara ou facilmente definida, sem rumo traçado de forma segura, mergulhado em sentimentos de indiferença e apatia sem paralelo em qualquer outro momento da história: um tédio sem sabor a tragédia ou catástrofe, “um vazio sem trágico nem apocalipse” (Lipovetsky 11), como afirma Gilles Lipovetsky em *A Era do Vazio*.

Sobre a posição pós-moderna em relação à religião, Wilmar Luiz Barth afirma: “Na verdade, o que existe é a formação do “coquetel religioso”. O homem pós-moderno vive a religião “à la carte”, de tipo “self-service”, numa mistura de vários aspetos que mais interessam e satisfazem as exigências e necessidades momentâneas” (Barth 102). Em *Livro do Desassossego*, o semi-heterónimo de Fernando Pessoa, Bernardo Soares, reflete acerca da relação que a falta de fé tem com o seu profundo sentimento de tédio:

O tédio... Quem tem Deuses nunca tem tédio. O tédio é a falta de uma mitologia. A quem não tem crenças, até a dúvida é impossível, até o cepticismo não tem força para desconfiar. Sim, o tédio é isso: a perda, pela alma, da sua capacidade de se iludir, no pensamento, da escada inexistente por onde ele sobe sólido à verdade.
(Pessoa 236)

Na contemporaneidade, essa ausência de fé não se resume ao aspeto religioso, é a ausência do ponto de ancoragem emocional e espiritual que existia em séculos anteriores e que, como afirmam muitos pensadores, foi substituído pela entrega a atividades efémeras ou passatempos que provoquem excitação, desejo e prazer, na tentativa de encontrar qualquer coisa que faça o homem contemporâneo esquecer-se um pouco de si mesmo e libertar-se da incerteza em que vive e que lhe causa sentimentos de impotência, frustração e tédio profundos. No seu artigo intitulado “Mídia, lazer e tédio”, Hugo Lovisolo apelida tais atividades de “atividades antitédio” e caracteriza-as como uma espécie de substitutas da função que tradicionalmente se atribuía à religião: “As atividades antitédio tentam, embora com limitações, situar-nos em mundos extraordinários. Também o fazem a série de televisão, os espetáculos e os eventos esportivos. Neste sentido, continuam, embora torcendo-a, a tradição religiosa de lutar contra o tédio mediante a excitação” (Lovisolo 61).

Regressando à obra de Gonçalo M. Tavares em análise, encontramos alusões à inexistência dos Deuses e ao posicionamento ambíguo e indefinido da contemporaneidade em relação à religião. Nas estâncias 21 e 22 do Canto I, encontramos a primeira referência ao divino, na qual o narrador adota uma posição cética em relação aos deuses, desacreditando e minimizando a sua existência: “Não poderás, pois, Bloom,/ atribuir

demasiada complexidade a este modo alto de fechar os olhos, baixar os braços/ e repousar as pernas. São os deuses, Bloom,/ não são o teu assunto” (Tavares 36). Na estância 22, reafirma-se a sua posição de forma bastante singular e algo ambígua: “Os deuses actuam/ como se não existissem, e assim/ não existem, de facto, com extrema eficácia” (Tavares 36). Nestas afirmações, poderemos afirmar que Tavares reconhece a existência da crença em divindades, mas não lhes atribui, pessoalmente, qualquer poder ou qualquer influência, pelo que, como se refere nas estâncias transcritas, não vale a pena dedicar muito tempo a pensar no assunto. No entanto, paradoxalmente, ao falar dos deuses, o autor está já, subtil e inteligentemente, a abordar o assunto e, em certa medida, espelhando a relação ambígua e paradoxal que o homem contemporâneo tem com a religião. Quando aborda o tema do Destino, Tavares adota uma postura mais irónica: “Felizmente, além do nosso destino,/ trouxemos tecnologia adequada/ – diz um qualquer capitão, utilizando/ a já referida ironia contemporânea” (Tavares 38 - 39). Indo mais longe com a sua ironia contemporânea, o narrador comenta a forma como esse mesmo destino nos é revelado pelos Deuses: “Por isso mesmo – para não se comprometerem – / os Deuses, quando nos falam ao ouvido,/ evitam frases explícitas e promessas concretas” (Tavares 39). Mais adiante, nas estâncias 37 e 38, Tavares sintetiza as três visões do ser humano em relação ao divino e ao humano usando a imagem do olhar acima, abaixo ou ao nível dos olhos: para Bloom há, então, homens que olham acima do nível dos olhos como “quem espera que os elementos divinos/ o acaso e o destino, resolvam” (Tavares 42), homens que olham ao nível dos olhos, como “quem acredita/ que os gestos humanos são ainda, ou são agora, a mais forte aceleração/ que se pode introduzir no mundo” (Tavares 42) e, finalmente, homens que olham abaixo do nível dos olhos, como quem “reconhece/ que o avanço não foi suficiente e que só a parte animal do homem, ou a parte que se humilha, podem solucionar os conflitos” (Tavares 42). Este último grupo de homens corresponderá então, ao homem na pós-modernidade, no qual incluímos o próprio herói Bloom, o homem descrente, irónico, prático e realista que não se deixa levar em vão por entusiasmos desnecessários e que sabe que apenas assim poderá fazer frente à complexidade do mundo em que vive.

Como vemos, para o homem contemporâneo, o mundo não tem um rumo traçado, uma vez que aquilo que existe é apenas o presente, ao qual ele se abandona irremediavelmente: “The present time replaced history as the source of meaning, but pure contemporaneity, without any link to past and present, does not give very much meaning” (Svendsen 137). Sem

passado, nem futuro, o homem sente o presente como eterno, como repetição incessante de hábitos e padrões de vida, mergulhando, como consequência, num tédio de viver que parece não ter cura. Isso mesmo identifica Bloom quando afirma, na estância 81 do Canto II: “Não sou indiferente às repetições, suporto melhor o tédio/ que certas aventuras desnecessárias” (Tavares 104). Para Bloom, então, as repetições características do mundo contemporâneo são sinónimo de tédio, que o homem procura evitar recorrendo a prazeres passageiros que procuram substituir o dia a dia aborrecido, consequência da ausência de significado provocada pela superficialidade das relações e o excesso de velocidade que caracterizam o mundo contemporâneo. De acordo com esta reflexão, o tédio leva as pessoas a embarcar em “aventuras desnecessárias” (Tavares 104). Para Bloom, a solução não se encontra, então, nesses escapismos temporários e ilusórios, mas sim numa aceitação do tédio, suportando-o, ou, como diz ainda Tavares em entrevista a Carlos Vaz Marques, aprendendo a viver com ele, uma vez que é inevitável: “O tédio é uma sensação muito importante. Se eu tivesse de aconselhar alguma coisa para a escola, em geral, seria que se ensinasse a lidar com o tédio” (Tavares, “Gonçalo M. Tavares” 84).

No seguimento desta reflexão, o mesmo Bloom termina afirmando algo paradoxal, representativo da ambiguidade e indefinição que caracterizam a condição pós-moderna. Diz-nos Bloom: “Porém, não suporto que, em mim,/ a não surpresa já não me surpreenda” (Tavares 104). Portanto, Bloom não se surpreende com o facto de já não se surpreender e isso inquieta-o. Essa é a condição pós-moderna, uma espécie de resignação ao tédio, a inevitável condição do homem na contemporaneidade: o “tédio definitivo” (Tavares 456) de que nos fala Tavares na última estância da obra. Com efeito, nestes últimos momentos da obra, Bloom é salvo de uma tentativa de suicídio por uma mulher que poderá representar a derradeira resposta aos seus problemas. No entanto, sabe-se que o tédio que sente jamais deixará de existir: “Nada que aconteça poderá impedir o definitivo tédio de/ Bloom, o nosso herói” (Tavares 456), escreve-se, nos versos finais de *Uma Viagem à Índia*.

Um dos principais problemas com que se depara o homem contemporâneo é, então, a dificuldade em encontrar um significado para a sua vida, um rumo ou um objetivo concretamente definido, vivendo totalmente submergido num presente que não lhe dá garantias absolutas. É essa mesma ausência de significado para a vida que, de acordo com Svendsen, caracteriza o sentimento de tédio: “Boredom is not a question of idleness but of meaning” (Svendsen 34). Este não se trata, portanto, de um

problema que advenha do facto de se ter ou não uma vida desocupada, o que significa que não estamos perante algo que se possa combater simplesmente com recurso a mais trabalho ou mais tempo de lazer, como denota Lars Svendsen: “Work that does not give very much meaning in life is followed by free time that gives just as little meaning in life” (Svendsen 36). O mesmo nos diz Fernando Pessoa, através do semi-heterónimo Bernardo Soares, em *Livro do Desassossego*: “Não é o tédio a doença do aborrecimento de nada ter que fazer, mas a doença maior de se sentir que não vale a pena fazer nada. E, sendo assim, quanto mais há que fazer, mais tédio há que sentir” (Pessoa 354). Assim, e de acordo com Lars Svendsen, é o significado ou razão de ser (“meaning”) que preenche a vida humana e lhe dá sentido. Na ausência dessa sentido para a vida, o homem contemporâneo sente necessidade de preencher o tempo vazio de significado com formas escapistas instantâneas, temporárias e ilusórias, normalmente através de atividades de lazer, entretenimento e consumismo. Diz-nos Svendsen: “This condition of meaning-crisis confronts most of us. We seek all sorts of meaning-substitutes, always embracing something new so as to create the illusion of meaning” (Svendsen 79).

Bloom deseja, então, esquecer o passado e entregar-se apenas ao presente. O problema é que o presente em que vive é entediante e pouco emocionante. Assim, a viagem à Índia é encarada como uma solução. Tal acontece na contemporaneidade com as viagens de lazer, através quais se buscam novas distrações, na esperança de escapar a esse tédio entorpecedor. Como afirma Leo Vinicius Maia Liberato na sua recensão ao livro *Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas*, de Michel Maffesoli, “Postos diante do tédio e solidão que se instalam, (...) a errância e o nomadismo pós-modernos podem parecer sintomas de uma sociedade onde o presente é impossível de ser vivido, e a festa, por consequência, é sentida sempre como estando em outro lugar” (Liberato 233).

No canto I, Tavares fala-nos pela primeira vez do tédio em que se revestiam os dias de Bloom antes da partida:

Os dias decorrem então imóveis,
previsíveis portanto.
O vento parado em pose que se assemelha
ao simples ar.
Olhando-se para o céu era o céu
que se via;
e os olhos de Bloom com a parte do mundo
completam-se - como duas peças de um puzzle
romântico, azul e entediante.
(Tavares 44)

Assim, é a partir deste ambiente entediante, desta ausência de atividade e emoção, que Bloom pretende partir em direção à Índia, onde, segundo o próprio, pretende encontrar “uma alegria nova/ ou, se possível, várias” (Tavares 52). Nesta estância 64 do Canto I, fala-nos ainda na esperança de encontrar um “tédio surpreendente” (Tavares 52), algo que poderá parecer paradoxal, mas que poderemos entender como a busca de um equilíbrio entre o conforto e o risco, entre a novidade e o hábito, tendo em conta o tipo de alegria definido por Bloom: “(...) alegria que misturasse prazeres de animal doméstico (...) com os de animal selvagem e bruto” (Tavares 52).

No entanto, logo a partir da primeira leitura, apercebemo-nos de que a viagem que Gonçalo M. Tavares nos apresenta não é uma viagem qualquer: é uma aventura que segue o modelo estruturante da epopeia de Camões, *Os Lusíadas*, recuperando para o século XXI o espírito épico das grandes viagens iniciáticas de outrora, contrariando a tendência comercial das viagens contemporâneas, preocupadas mais com o destino do que com o percurso. Segundo as expectativas de Bloom, esta seria, então, uma viagem à descoberta de novas aprendizagens e novas alegrias, rumo a uma Índia sonhada e idealizada, a qual, como descobrirá mais tarde, não irá corresponder à realidade. Com efeito, nesse desencontro com a Índia dos sonhos, Bloom vai descobrir, como refere Eduardo Lourenço, “que os seus «gurus» são vulgares e suspeitos vendedores de ilusões como todos os outros” (Lourenço 20).

Em *Uma Viagem à Índia*, o tema da do tédio está, então, intimamente relacionado com a ideia do herói na contemporaneidade. Com efeito, ao escrever o seu texto inspirando-se no modelo de uma epopeia, Tavares pretendeu abordar a questão da heroicidade no século XXI, questão que o mesmo relaciona com a ideia do sentimento de tédio que domina o mundo contemporâneo, como afirma em entrevista a entrevista a Luís Ricardo Duarte e Maria Leonor Nunes, para o *Jornal de Letras, Artes e Ideias*: “Se pensarmos em heróis no século XXI, uma das possibilidades é estarem entediados. Para um herói, este século tornou-se desinteressante. E os obstáculos, adversários e tesouros pouco estimulantes” (Tavares, “Gonçalo M. Tavares – Uma epopeia mental” 9). Daí a frustração que toma conta da personagem no final do seu percurso e que leva o narrador a afirmar acerca de Bloom:

Não procurou proezas extraordinárias,
porque viveu o suficiente para perceber
as várias epopeias que existem

num só dia de Inverno onde o tédio
e o frio empurram levemente o homem para a janela.
A imobilidade como epopeia ínfima
eis o que descobriu já depois de estar cansado. (Tavares 438)

Como vemos, mesmo depois da viagem realizada, Bloom não deixa nunca de se sentir cansado e entediado. Esse mesmo tipo de tédio assola Fernando Pessoa nas suas reflexões em *Livro do Desassossego*, no qual Bernardo Soares nos dá conta do seu conflito interior e do seu profundo tédio existencial. Com efeito, existem muitas passagens do *Livro do Desassossego* associam a viagem interior, ou a viagem sonhada, com o sentimento de tédio que, mesmo na viagem mental, nunca abandona o poeta. Vejamos o seguinte excerto: “Mas as paisagens sonhadas são apenas fumos de paisagens conhecidas e o tédio de as sonhar também é quase tão grande como o tédio de olharmos para o mundo” (Pessoa, 334). Em “Viagem nunca feita (III)” essa ligação entre o ato de viajar na mente e o sentimento incapacitante do tédio encontra-se ainda mais clara:

Levei de um lado para o outro, de norte para sul... de leste para oeste, o cansaço de ter tido um passado, o tédio de viver um presente, e o desassossego de ter um futuro. Mas tanto me esforço que fico todo no presente, matando dentro de mim o passado e o futuro. (Pessoa 446).

De um modo semelhante, Eduardo Lourenço faz referência a esse tédio presente, afirmando que *Uma Viagem à Índia* é “uma viagem ao fim do nosso presente como glosa interminável da existência como tédio de si mesma” (Lourenço 14). No entanto, como também afirma o ensaísta, a viagem de Bloom pelo “definitivo tédio” (Tavares 456) da contemporaneidade, tem “alguma sombra de Pessoa (...) mas sem lágrimas recalçadas” (Lourenço 17). No entanto, apesar da ausência de lágrimas, o modo como a sociedade contemporânea não sabe lidar com o tédio é algo que preocupa Gonçalo M. Tavares, pois afirma em entrevista a Carlos Vaz Marques:

[O tédio] é um momento de espera em que aparentemente nada está a acontecer. É uma sensação de inutilidade. Mas a vida tem uma percentagem enorme de momentos em que nós estamos à espera. Se não soubermos lidar com isso, estamos a desperdiçar uma matéria fundamental.
(Tavares, “Gonçalo M. Tavares” 84)

Estas palavras de Tavares vão ao encontro do que Nietzsche pensa sobre o poder criador do tédio, segundo nos conta Lars Svendsen: “For

Nietzsche, boredom is «the unpleasant ‘calm’ of the soul» that precedes creative acts” (Svendsen 58). Nietzsche considera assim o tédio como um mal necessário ao espírito criativo, do mesmo modo que para Tavares este é “uma coisa central, base” (Tavares, “Gonçalo M. Tavares” 84).

Nessa entrevista a Carlos Vaz Marques, Tavares considera ainda que “as pessoas mais desesperadas são aquelas que estão sempre a fugir do tédio” (Tavares, “Gonçalo M. Tavares” 84). Pelo contrário, Bloom é alguém que, segundo palavras do próprio autor, “não tem medo, não fica desesperado, não faz um balanço último da sua vida” (Tavares, “Gonçalo M. Tavares – O romance ensina a cair”), o que faz com que a sua fuga seja diferente das típicas escapadelas sazonais e temporárias ao tédio que assola a vida quotidiana, sempre tão demasiadamente preenchida e excessiva. De facto, esta viagem contemporânea de Bloom é quase como um elogio à lentidão, uma vez que se desenrola sem qualquer pressa de chegar, revelando mais preocupação com o percurso do que com o destino, à semelhança das viagens antigas, como afirma o próprio autor em entrevista ao suplemento *Parágrafo*, em 2011:

Esta viagem apesar de tudo recupera a ideia da viagem enquanto percurso. Não viagem enquanto destino, porque Bloom sai de Lisboa no canto I e só chega no canto VII à Índia. (...) E o que é importante é mesmo o percurso. Só nesse aspecto é uma viagem antiga, porque as contemporâneas são aquelas em que se procura atingir o destino o mais rapidamente possível. (Tavares, “Há muitas coisas que ainda gostava de fazer”)

Com efeito, ao construir a viagem de Bloom tendo como modelo a viagem épica da armada de Vasco da Gama à Índia a partir da narração feita n’*Os Lusíadas*, Gonçalo M. Tavares contraria o movimento típico do homem contemporâneo que procura nas viagens acessíveis, lúdicas e de carácter superficial uma mera distração do seu dia a dia rotineiro, opressivo e insatisfatório. De igual modo, ao fazer Bloom demorar-se em cada paragem, nunca revelando pressa em chegar ao seu destino, Tavares manifesta a sua posição em relação ao excesso de velocidade a que opera o mundo no século XXI, excesso esse que é grandemente responsável pelo tédio nas sociedades dos dias de hoje. Em entrevista a Carlos Vaz Marques, Tavares partilha a sua visão relativamente à velocidade da vida quotidiana: “Estamos num mundo em que a questão do actual e do importante se joga minuto a minuto, o não-actual é logo passado um minuto. O problema é que esta lógica da velocidade é uma lógica opressora. A grande velocidade é muito violenta” (Tavares, “Gonçalo M. Tavares” 84). No seu estudo intitulado “Expressões do tédio na contemporaneidade: uma análise do

romance “Encontro Marcado”, de Fernando Sabino”, Adriana Aparecida Almeida de Oliveira e José Sterza Justo relacionam precisamente a existência do tédio na contemporaneidade com a excessiva velocidade da vivência quotidiana nos nossos dias, afirmando que este “pode também ser entendido como uma recusa a acompanhar o ritmo frenético da superfície da vida, um desligamento da orgia da velocidade, uma apatia e desinteresse pelos espetáculos do mundo” (Oliveira e Justo 47).

Segundo o filósofo francês Gilles Lipovetsky em *A Era do Vazio*, o individualismo das sociedades contemporâneas caracteriza-se pela indiferença, banalização e apatia generalizadas, que se relacionam com a excessiva velocidade do viver quotidiano. Esta mesma ideia é referida por Gonçalo M. Tavares em diversas entrevistas quando nos fala na necessidade da existência de uma certa lentidão, que nos permitirá abrandar o ritmo e reparar nos fenómenos que nos rodeiam e nos ensinará a lidar com o sentimento de tédio que domina a contemporaneidade. Como vimos, essa ideia de abrandar o ritmo encontra-se desde logo presente na ideia de percurso que domina a viagem de Bloom, que se demora nos diversos lugares por onde vai passando, nunca com pressa de chegar. E se Gonçalo M. Tavares fala do século XXI como “século da queda” (Tavares, “Gonçalo M. Tavares – O romance ensina a cair”), Lipovetsky refere-se à sociedade pós-moderna como “época do deslizar, imagem desportiva que ilustra de perto um tempo em que a res publica já não tem qualquer elo sólido, qualquer ponto de ancoragem emocional estável” (Lipovetsky 14). Como nos diz Gonçalo M. Tavares, Bloom é “uma personagem sem qualidades, mas em queda” (Tavares, “O romance ensina a cair”) que, como vimos, não demonstra qualquer medo, nem qualquer desespero perante as dificuldades da vida.

Em Gonçalo M. Tavares, como em Lipovetsky, essa queda ou esse vazio característicos da contemporaneidade não adquirem, como em outras épocas, um sentido de catástrofe ou apocalipse, mas revestem-se antes de um sentimento de “indiferença descontraída” (Lipovetsky 14). Essa apatia é, então, sinónimo do tédio irremediável, o tal “tédio definitivo” (Tavares 456) de Bloom em que mergulhou a sociedade contemporânea e que é, como já referimos, resultado de um progressivo esvaziamento do significado da vida de todos os dias, escrava da excessiva velocidade e dominada pela tecnologia que torna o homem cada vez mais automático, distante de si mesmo, sem rumo ou estímulos interessantes que o façam olhar para além do aborrecimento de termos de viver este presente sem passado nem futuro.

Nesta sua viagem, moldada a partir das grandes viagens iniciáticas de outrora, Bloom procura, então, esquecimento e sabedoria, esperando encontrar o equilíbrio que ele apelida de “tédio surpreendente” (Tavares 52). Apesar da indecisão e indefinição que caracterizam o herói contemporâneo Bloom e o seu percurso até chegar à Índia, ele sabe que deve sempre seguir, na procura do que ele identifica como sendo a “melodia exacta” (Tavares 52), que se encontra naquilo que é, segundo palavras do próprio Bloom, “o insólito que não/ sendo acontecimento mudo ou ruído, sendo sítio, obriga a caminhar” (Tavares 52). Esta afirmação liga-se então ao “tédio surpreendente” (Tavares 52), acrescentando-lhe agora a ideia do “insólito” que o faz avançar contra a inevitabilidade do tédio contemporâneo, que deverá sempre combater: “Não deixes que a tua cadeira confortável prejudique/ a tua curiosidade” (Tavares 54), como aconselha o narrador. Encontramos aqui, então, a ideia de que a procura constante e até obsessiva de algo novo, fora da zona de conforto, é uma forma de dar sentido à vida e contrariar o tédio, essa força entorpecedora que tanto atormenta o homem contemporâneo se este não se mantiver constante atividade.

Assim, o entediado Bloom procura, em “espaços novos” (Tavares 54), algo que não consegue definir, o desconhecido, aquilo que é insólito porque é novo e diferente do tudo (do tédio) que já conhece. No entanto, sabemos que essa fuga de espaços antigos não é a solução para o tédio, porque este acompanha Bloom para onde quer que vá. Em *A Philosophy of Boredom*, Lars Svendsen fala-nos precisamente dessa procura da novidade como combate à monotonia do dia a dia, relacionando-a ainda com a avidez consumista que caracteriza o mundo em que vivemos: “We become major consumers of new things and new people in order to break the monotony of things being the same” (Svendsen 47). A respeito desse mesmo consumismo, Svendsen afirma ainda: “In a world with fashion as a principle we get more stimuli but also more boredom, more emancipation and corresponding slavery, more individuality and more abstract impersonality” (Svendsen 46). É precisamente porque existem cada vez mais estímulos, surgindo a uma velocidade cada vez mais estonteante, que nos sentimos cada vez mais perdidos, sem rumo e, no final de tudo, cada vez mais entediados. Em *Livro do Desassossego*, encontramos uma reflexão que vai, de certa forma, ao encontro desta ideia do tédio que a abundância e o excesso provocam: “As grandes melancolias, as tristezas cheias de tédio, não podem existir senão com um ambiente de conforto e de sóbrio luxo” (Pessoa 236), escreve Bernardo Soares. Para Gonçalo M. Tavares, esse ambiente de conforto e segurança que existe nas sociedades

contemporâneas levam-no a concluir que “o mundo está transformado numa espécie de hospital global em que a preocupação principal é eliminar a dor e o perigo” (Tavares, “Gonçalo M. Tavares – Uma epopeia mental” 9) e onde “há quase um mapa com os locais onde se pode ser herói” (Tavares, “Gonçalo M. Tavares – Uma epopeia mental” 9). Em suma, para Tavares, o risco e a imprevisibilidade são cada vez mais reduzidos na vida quotidiana das sociedades contemporâneas, o que leva o autor a considerar que “o tédio é uma consequência natural” (Tavares, “Gonçalo M. Tavares – Uma epopeia mental” 9).

No presente ambiente de excesso, de consumismo e de experiências instantâneas e pré-embaladas, o homem procura constantemente novas sensações, viajando entre emoções na esperança de se sentir alguma espécie de felicidade, ainda que transitória e passageira. A propósito desta busca de felicidade por parte do homem contemporâneo, diz-nos Wilmar Luiz Barth: “Ele tem uma certa dose de bem-estar, tem prazeres, mas vive esvaziado da autêntica alegria. A forma suprema de prazer é sexual, o orgasmo. Busca o imediato, a satisfação rápida e sem problema, que a longo prazo só acumula fracassos” (Barth 92).

Em *Uma Viagem à Índia*, Bloom também se entrega a essas alegrias passageiras para escapar ao tédio que o domina durante a viagem, particularmente no seu regresso da Índia, depois de descobrir, ou melhor, depois de confirmar que tudo o que acreditou ser aquele país mágico e místico não passava de uma mentira. Essa entrega ao prazer passageiro faz-se na reencenação, em jeito de paródia ou de apropriação/reinvenção contemporânea, do episódio da Ilha dos Amores d’*Os Lusíadas*: Bloom regressa a Paris (por muitos apelidada de cidade do amor), acompanhado dos amigos que fez durante a viagem, o parisiense Jean M. e o indiano Anish, para se envolver com prostitutas, satisfazendo assim o seu desejo sexual, já manifestado no Canto I quando é seduzido por Maria E. Desse modo, Bloom entrega-se à “satisfação rápida e sem problema” (Barth 92) que, no entanto, não lhe traz a libertação esperada e, como afirma Barth na passagem transcrita acima, “só acumula fracassos” (Barth 92), que culminam com o assassinato de uma das prostituta, descrito da seguinte forma na estância 134 do último canto da obra:

O que se faz quando nada se sente é brutal
e as circunstâncias arrancam-nos dos bons conselhos.
E assim foi mesmo: o contacto físico, de repente,
enojou definitivamente Bloom.
A mulher quis abraçá-lo; ele pegou
numa parte mineral da natureza

e num único acto vingou-se dos longos dias
sem vontade de agir.
A cabeça da mulher tornou-se disforme,
e o sangue provou ser um elemento
que nos outros é quase imperceptível.
(Tavares 448)

No itinerário final da obra, intitulado precisamente “Melancolia contemporânea (um itinerário)” a expressão que corresponde à estância acima transcrita é “acção (finalmente)”. Finalmente há acção na obra, finalmente Bloom decide algo que parece afastar o tédio: age a sangue frio, inesperadamente, com ferocidade e violência – de repente libertando a angústia e a frustração que se acumulavam dentro dele (os “longos dias sem vontade de agir”), frutos do tédio profundo que sentia. A respeito da ligação entre o ato impulsivo de violência e o sentimento de tédio, Lars Svendsen analisa o romance adaptado a filme intitulado *American Psycho*, que nos conta a história bizarra de uma psicopata que mata indiscriminadamente porque se sente entediado. A respeito desta relação entre tédio e violência, diz-nos então Svendsen:

The chaos and violence is what moves one from boredom to life, awakening oneself. Providing life with some sort of meaning. We have an aesthetic attitude towards violence, and this aesthetic was clearly apparent in the anti-aesthetic of modernism, with its focus on the shocking and the hideous. (Svendsen 38)

É precisamente isto que acontece no episódio em que Bloom assassina a prostituta e que leva o autor a usar a expressão “acção (finalmente)”. É importante notar que a viagem termina precisamente com aquilo que fez com que o protagonista iniciasse a sua fuga – um assassinato –, o que significa que nada deu resultado, tudo voltou ao mesmo, à semelhança do que aconteceu com o tédio e a desilusão dos quais nunca se conseguiu libertar. Mesmo essa libertação temporária que sentiu com o assassinato da prostituta não dura muito tempo, dando lugar ao pânico e ao medo, que o levam a regressar, agora com pressa, a Lisboa, onde apenas encontra o vazio, o tédio, a indiferença: “Chega a Lisboa./ Nenhum ódio o recebe e nenhum amor” (Tavares 452). De regresso à cidade de onde saíra um dia em direção à Índia, “Bloom está assim só – como partiu –/ e é perseguido, esconde-se, foge” (Tavares 453).

No entanto, a narrativa não acaba aqui. Falta falar do amor, falta falar de uma mulher que lhe aparece justamente quando (aparentemente) o protagonista tenta o suicídio “em cima de uma ponte alta” (Tavares 456):

“Ele aproxima-se da mulher e o mundo prossegue,/ mas nada que aconteça poderá impedir o definitivo tédio de/ Boom, o nosso herói” (Tavares 456). Assim termina a obra de Tavares e a história de Bloom: termina com “o definitivo tédio” (Tavares 456), apesar da promessa de amor, apesar da vida que prossegue – como se afirma umas estâncias antes, “mesmo entediado/ há instintos que não abandonam o organismo” (Tavares 453) e o homem contemporâneo Bloom resiste, resignado, para o bem e para o mal. Como nos diz Tavares, Bloom é “alguém que foge sozinho, decide apenas pela sua cabeça e regressa, no fim, também sozinho” (Tavares, “Gonçalo M. Tavares – O romance ensina a cair”), com o seu tédio redobrado, uma vez que confirmou o que já suspeitava. Isso mesmo nos diz o narrador na estância 149 do canto X, já perto do desfecho da obra:

Procurou o Espírito na viagem à Índia,
encontrou a matéria que já conhecia.
Nada agora o faz hesitar; animais bem-comportados
e agarrados por coleiras a árvores ladram
quando ele passa.
Os sapatos avançam, fuma uma cigarro,
entra num café e pede um copo de vinho.
(Tavares 454)

Como podemos ver por estes versos, o final da aventura de Bloom é melancólico e nele se revelam finalmente, de forma bastante intensa e profunda, todo o desencanto e todo tédio que acompanharam o protagonista ao longo do seu percurso. Bloom já não se ilude mais e o seu tédio não tem definitivamente remédio. Durante a sua viagem, e mesmo antes, ele já sabia isso, mas, então, esse seu desencanto era mascarado com ironia e humor, as armas que, como ele afirma no canto I, lhe serviram para “evitar/ rir às gargalhadas, ou chorar” (Tavares 38), para não se apegar demasiado aos acontecimentos e guardar em relação a eles a distância suficiente para que estes não o afetem. Ora, nestas últimas estâncias vemos como tudo muda: essa ironia e esse humor não têm já lugar neste fim de aventura e são substituídos por um tom mais lírico, mais pesaroso e mesmo confessional de alguém que, desiludido, regressa a casa sem uma réstia de esperança. Deparamo-nos, pois, com um tom bem distinto daquele a que Bloom nos habituou ao longo da obra, tão diferente que nos chega inclusivamente a chocar a honestidade com que nos comunica os seus sentimentos, o pessimismo sem réstia de sarcasmo, sem distância e, principalmente, sem demasiada intelectualização de emoções. Como afirma na estância 155, “a ingenuidade é irrecuperável” (Tavares

455) e, no seu regresso a Lisboa, apenas existe a indiferença, a solidão, o vazio e o tédio:

O comboio prossegue, Bloom olha através da janela
Tenta recordar-se de provérbios populares,
versos, conselhos: nada.
Não há uma única frase que lhe pareça importante.
Chega a Lisboa.
Nenhum ódio o recebe e nenhum amor.
(Tavares 452)

Como um herói anónimo e esquecido, entediado até ao limite, ninguém deseja escutar a aventura de Bloom: “E eis que aqui vai/ um homem que amou, sofreu e matou: quem o quer/ ouvir? Ninguém. E a noite intensa prossegue” (Tavares 455). Este é o drama dos indivíduos no início do século XXI, reduzidos ao anonimato das suas narrativas particulares, insignificantes e aborrecidas como todas as outras, indignas dos Cantos grandiosos de outrora, mergulhadas num tédio definitivo, mas que, como a noite, são obrigadas sempre a prosseguir: “Lisboa recebe Bloom sem comoção. As cidades/ perderam a capacidade para admirar as grandes viagens./ Bloom olha de longe para a casa onde foi feliz; e nada sente” (Tavares 453).

Bibliografia

- Barth, Wilmar Luiz. “O homem pós-moderno, religião e ética.” *Teocomunicação* 37. 155 (março 2007): 89-108. Visitado: 30 de março 2013.
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/veritas/ojs/index.php/teo/article/viewFile/1775/1308>
- Gouvêa, Ricardo Quadros. “A Morte e a Morte da Modernidade: Quão Pós-Moderno é o Posmodernismo?” *Fides Reformata* 1/2 (1996) - *Revista da CPAJ - Universidade Presbiteriana*. Visitado: 30 de março 2013
http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_I_1996__2/a_morte....pdf
- Liberato, Leo Vinicius Maia. “Nomadismo Pós-Moderno.” *Revista Política & Sociedade - Revista de Sociologia Política (UFSC)* 1.1 (setembro 2002): 225 – 234. Visitado: 30 março 2013
<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/4943/4301>

- Lipovetsky, Gilles. *A Era do Vazio*. Lisboa: Relógio D'Água, 1983.
- Lourenço, Eduardo. “Uma Viagem no coração do caos”, prefácio de *Uma Viagem à Índia*, de Gonçalo M. Tavares. Alfragide: Leya/ Editorial Caminho, 2010: 9-20.
- Lovisoló, Hugo. “Mídia, lazer e tédio.” *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação* 25.2 (julho/dezembro 2002): 43 -66. Visitado: 30 de março 2013
<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/419/388>
- Oliveira, Adriana Almeida de, e José Sterza Justo. “Expressões do tédio na contemporaneidade: uma análise do romance “Encontro Marcado”, de Fernando Sabino.” *Revista de Psicologia da UNESP* 9.1, (2010): 45-57. Visitado: 30 de março 2013
<http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/165/206>
- Pessoa, Fernando. *Livro do Desassossego - composto por Bernardo Soares, Ajudante de Guarda-livros na cidade de Lisboa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.
- Svendsen, Lars. *A Philosophy of Boredom*. London: Reaktion Books, 2008.
- Tavares, Gonçalo M. *Uma Viagem à Índia*. Alfragide: Leya/ Editorial Caminho, 2010.
- Tavares, Gonçalo M. “Gonçalo M. Tavares - Uma epopeia mental.” *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (20 de outubro - 2 de novembro 2010): 8-11.
- Tavares, Gonçalo M. “Gonçalo M. Tavares - O romance ensina a cair.” *Jornal Público, Suplemento “Ípsilon”* (27 outubro 2010). Visitado: 30 de março 2013
<http://ipsilon.publico.pt/livros/entrevista.aspx?id=268246>>
- Tavares, Gonçalo M. (2010c). “Gonçalo M. Tavares.” *Revista Ler* (dezembro 2010): 30-38, 84.
- Tavares, Gonçalo M. (2011). “Há muitas coisas que ainda gostava de fazer”. *Parágrafo - suplemento ponto final*, 52 (8 de julho 2011). Visitado: 30 de março 2013. Disponível em: <http://paragrafopontofinal.wordpress.com/2011/07/08/%E2%80%99Cha-muitas-coisas-que-ainda-gostava-de-fazer%E2%80%9D/>

RESUMO: No artigo que apresentamos iremos abordar a questão do tédio na contemporaneidade e a sua presença na obra *Uma Viagem à Índia*, de Gonçalo M. Tavares, publicada no final de 2010 e considerada uma das mais marcantes obras literárias do início do século XXI. Bloom, o protagonista

O “DEFINITIVO TÉDIO” DE BLOOM
EM *UMA VIAGEM À ÍNDIA*, DE GONÇALO M. TAVARES

desta viagem singular, é alguém que revela desde logo uma atitude de desconfiança e distância perante o mundo que o rodeia, carregando consigo sempre um profundo sentimento de tédio, um cansaço que reflete uma apatia e resignação características do que alguns apelidam de “condição pós-moderna”. Deste modo, será a partir da análise do percurso de Bloom e o confronto com o perfil identitário fragmentado do homem contemporâneo, que procuraremos identificar as marcas do tédio que domina o mundo atual e, ao mesmo tempo, saber o que o torna cada vez mais definitivo e entorpecedor.

Abstract: In the present article we will deal with the subject of contemporary boredom and its presence in Gonçalo M. Tavares’ *Uma Viagem à Índia*, published at the end of 2010 and already considered one of the most prolific and important books in the beginning of the 21st century. Bloom, the main character of this unique travel to India, is someone who reveals an attitude of distrust and distance towards the world that surrounds him, bearing the weight of a profound feeling of boredom and a kind of tiredness which reflect the characteristic post-modern apathy, resignation and detachment. Thus, by analysing Bloom’s unique individual epic journey and by confronting his path with the contemporary man’s fractured identity, we will try to identify marks of boredom in the 21st century and provide an insight into its unique features.